

A sociolinguística como uma corrente teórico-metodológica da linguística: um viés histórico

Sociolinguistics as a theoretical-methodological current in linguistics: a historical bias

Allan Cordeiro da Silveira¹
Universidade Federal Fluminense

♦ **RESUMO:** A Sociolinguística tem se apresentado como uma disciplina muito prolífica nos últimos 50 anos. O objetivo do trabalho é apresentar um panorama histórico da Sociolinguística como uma corrente teórico-metodológica da Linguística, abordando assuntos acerca da trajetória histórica dos dialetos e do surgimento das línguas nacionais. Definições acerca de conceitos centrais, importância das diferenças dialetais e dos fatores que influenciam na variação linguística são debatidas. O trabalho aponta que a tendência das pesquisas em Sociolinguística é a promoção do entendimento das peculiaridades do falante e da valorização da diversidade linguística nas comunidades de fala.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Língua. Dialeto.

♦ **ABSTRACT:** Sociolinguistics has been a very prolific discipline in the last 50 years. The aim of this paper is to present a historical overview of Sociolinguistics as a theoretical-methodological current of Linguistics, presenting issues about the historical trajectory of dialects, and the emergence of national languages. Definitions related to central concepts, the importance of dialectal differences, and factors influencing in linguistic variation are discussed. The work shows that the tendency of the researches in Sociolinguistics is understanding of the peculiarities of the speaker and of the appreciation of linguistic diversity in the communities.

♦ **KEYWORDS:** Sociolinguistics. Language. Dialect.

1 Introdução

A Sociolinguística tem se apresentado como uma disciplina muito prolífica nos últimos 50 anos, desfrutando de popularidade entre os linguistas por, principalmente, levar em consideração o falante e o uso real da fala do ser humano e suas variações.

O principal objetivo do trabalho é apresentar um panorama histórico da Sociolinguística como uma corrente teórico-metodológica da Linguística. Para tanto, três trabalhos referentes a essa disciplina serão utilizados para nortear a pesquisa, sendo eles: “Research methods in Sociolinguistics²”, escrito por Juan Manuel Hernández-Campoy

¹Allan Cordeiro da Silveira. Mestre em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Doutorando em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. E-mail: allancordeiro2@hotmail.com / allan_cordeiro@id.uff.br.

²Tradução livre para o português: ‘Métodos de pesquisa em Sociolinguística’.

(2014), as duas versões do trabalho de Ernst Frideryk Konrad Koerner (1991, 2001), nomeado “William Labov and the origins of sociolinguistics”³ e o capítulo escrito por Maria Maura Cezario e Sebastião Votre (2016), cujo título é “Sociolinguística”. Os estudos abordam assuntos que estão relacionados aos aspectos concernentes à trajetória histórica da disciplina.

Este trabalho consiste em cinco partes. Seguindo esta introdução, a segunda parte apresenta um panorama histórico referente aos dialetos e ao surgimento das línguas nacionais, sob uma perspectiva sócio-histórica. Nesse tópico, será evidenciada a importância do surgimento das línguas nacionais, por meio da criação dos Estados nacionais e do monolinguismo.

Na parte três, uma definição de Sociolinguística será proposta, bem como seu foco empírico, a questão da variação, o surgimento do termo, a importância das diferenças dialetais e os fatores que influenciam na variação linguística. Em seguida, as três gerações de sociolinguistas, propostas por Hernández-Campoy, serão apresentadas, assim como a metodologia e os procedimentos utilizados pelos cientistas que se dedicam a estudar esse campo e suas limitações. Destaque será dado à Sociolinguística Variacionista e às pesquisas no contexto brasileiro. Também serão mencionadas as linhas de estudo da Sociolinguística e seus respectivos autores.

Na quarta parte, serão apresentadas partes que compõem as disciplinas concernentes à Sociolinguística, analisando os domínios e mencionando os autores mais relevantes de cada uma delas em uma sequência analítica.

Para finalizar, a última parte irá sumarizar e concluir o trabalho, apresentando algumas tendências da Sociolinguística.

2 Panorama histórico dos dialetos e do surgimento das línguas nacionais

Para que se tenha entendimento acerca do desenvolvimento e do surgimento da Sociolinguística, como uma corrente teórico-metodológica, é fundamental ter em mente um panorama do papel dos dialetos e da constituição dos Estados nacionais na Europa no século XIV. Nesse período, as relações sociais sofreram profundas modificações devido à necessidade de aprendizagem e uso de uma língua oficial por parte de todos os cidadãos.

De acordo com Auroux (1992), um acontecimento fundamental nesse período é o processo de gramatização dos vernáculos europeus, quando ocorre a elevação de um dialeto, falado, muitas vezes, por um grupo social dominante, para o status de língua nacional. Esse fato está relacionado a três pontos basilares nesse momento, são eles: a renovação da gramática latina, o desenvolvimento da imprensa e os empreendimentos marítimos. O primeiro ponto concerne ao surgimento do Humanismo no século XIV para resgatar o latim clássico de sua impopularidade após a gramatização dos vernáculos. O segundo item, o desenvolvimento da imprensa, permitiu que se tornassem acessíveis documentos que antes estavam disponíveis somente para um distinto grupo de intelectuais. No terceiro momento, sabe-se que os empreendimentos marítimos e a colonização de territórios se associam com a gramatização com o intuito de difundir a língua falada na metrópole para as colônias.

A criação do primeiro Estado-nação na França decorre da modificação de paradigmas políticos no Antigo Regime, no qual o Estado era, basicamente, o Monarca. Essa unicidade pressupunha a essência do modelo napoleônico, que cria o monolinguismo de acordo com Monteagudo (2012), no contexto sócio-político da França ao longo dos séculos XVIII e XIX. Diversos dialetos eram utilizados dentro do território francês e era

³ Tradução livre para o português: ‘William Labov e as origens da sociolinguística’.

fundamental a extinção da diversidade linguística naquele país, por meio da imposição do monolinguismo que se dava por meio da difusão de concepções doutrinárias no âmbito educacional, cuja oferta foi ampliada nos séculos XIX e XX. No que concerne ao dialeto, Haugen (2001) sugere que no Renascimento acreditava-se que os conceitos de identidade e de unidade nacionais estavam atrelados à língua. As línguas surgiram da dispersão geográfica dialetal e do conceito de ramificação linguística.

Aspectos sociais implicados nas dimensões do dialeto e da língua, assim como suas relações culturais, têm sido de interesse de linguistas desde os primeiros estudos linguísticos. No próximo capítulo, trataremos da sociolinguística como um campo teórico-metodológico, seus pressupostos e principais estudiosos.

3 A sociolinguística como um campo teórico-metodológico

A sociolinguística é um campo de estudos que aborda aspectos relacionados à língua em seu uso real, tendo em vista os nexos entre aspectos socioculturais de um idioma, além de características estruturais da ferramenta em análise. De acordo com Cezario e Votre (2016, p. 149), a língua não deve ser estudada de forma isolada, mas ser analisada de acordo com o contexto no qual ela se manifesta. Esse contexto se estende para os âmbitos históricos, sociais e situacionais, ou seja, a sociolinguística tem como objeto de estudo o uso da língua em situações naturais, “o que” dizer é mais relevante do que “como” dizer, ou seja, o “falante-ouvinte real”.

Em um trabalho recente, Holmes e Wilson (2017) afirmam que a sociolinguística estuda a relação entre sociedade e linguagem. Os estudiosos dessa corrente se interessam em elucidar o motivo pelo qual os indivíduos falam de forma diferente em contextos sociais distintos, bem como identificar as formas pelas quais a língua transmite significado social. Essa análise relativa ao modo como os indivíduos se comunicam enriquece as pesquisas de como as relações sociais se dão em comunidade, na mesma medida em que como se dá a construção da identidade social por parte dos falantes.

A sociolinguística se sustenta em uma base lógica que preconiza a variação e a mudança, que são inerentes às línguas. Assim, esses fatores devem ser considerados na análise sociolinguística. Um dos objetivos da sociolinguística é compreender os aspectos fundamentais que acarretam a variação das línguas. Segundo Cezario e Votre (2016), a variação não é tratada como um efeito do acaso, mas como um evento que tem motivações provocadas por fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos. A variação não é assistemática, porque ela é adaptativa e é papel do pesquisador demonstrar como ela se apresenta no grupo social estudado. Do mesmo modo, os contextos linguísticos e extralinguísticos do processo comunicativo devem ser explicitados no que concerne ao seu bloqueio ou facilitação. Cezario e Votre (2016) apontam cinco campos nos quais discussões são realizadas, tendo em vista a obra clássica de Weinreich, Labov e Herzog (1968), são eles: a) fatores limitadores da mudança, que podem ser sociolinguísticos; b) a colocação dessas modificações no sistema linguístico e social dos usuários; c) a avaliação das mudanças; d) o momento de transição das modificações e e) a execução da mudança.

Sob uma perspectiva histórica, Koerner (1991, 2001) afirma que o surgimento do termo “sociolinguística” não foi observado antes de 1952, um pouco tarde demais para ser empregado nos estudos de Haugen e Weinreich de 1953. Criado por Haver C. Currie e usado em um artigo que trata de “registro (social)” da fala (1952), o termo “sociolinguística” foi usado por Wallis (1956). No entanto, aproximadamente dez anos foram necessários para que a sociolinguística fosse tratada como um subcampo da linguística.

De acordo com Cezario e Votre (2016), os dialetólogos nos Estados Unidos e no Canadá se dedicavam à elaboração do *Linguistic Atlas*⁴, com o intuito de organizar os dialetos daquela região. Naquele momento, foram levadas em consideração informações sociogeográficas e três grupos foram criados, baseados em seus respectivos níveis de escolaridade. Antes desse projeto, mas com o mesmo pressuposto de que o social e a cultura eram inseparáveis, Meillet (1926) buscou explicações acerca das modificações linguísticas que eram observadas em diferentes estratos sociais estabelecidos nas sociedades. Essas diferenças dialetais têm sido passíveis de observação em diversas classes sociais, bem como objeto de estudo dos sociolinguistas. Quando o indivíduo vive em sociedade, ele está imerso nas práticas daquela determinada coletividade, absorvendo o modo de fala e similitudes lexicais dos membros daquele grupo. Dessa maneira, as comunidades se constituem de pessoas que apresentam características similares em vários âmbitos sociais, como: escolaridade, profissão, religião, trabalho e lazer, com variações de intensidade individuais de acordo com Cezario e Votre (2016). É possível perceber o surgimento de pequenos grupos sociais, tais como: a classe dos advogados, dos professores, dos jornalistas, dos médicos e dos estudantes. Essas categorias fazem usos e escolhas lexicais, que evidenciam diferenças gramaticais e dialetais entre eles e marcam a ideia de pertencimento a um determinado grupo.

Ainda segundo Cezario e Votre (2016), essa variante tem uma metodologia definida e provê ao linguista ferramentas para estabelecer variáveis, tais como dispositivos computacionais, para que o objeto de estudo seja analisado e definido. Essa abordagem tem bases teóricas que deixam evidentes a sistematicidade e regularidade que subjazem as conversas do dia a dia. Um dos seus objetivos é identificar variantes de uma língua, bem como analisar seu aparecimento e desaparecimento.

Hernández-Campoy (2014, p. 19) afirma haver três gerações de sociolinguistas. A primeira surgiu em 1960. Nesse momento, esses linguistas entendiam que a fala era determinada pelo conjunto de “categorias” macrossociológicas, tais como gênero, posição socioeconômica, idade e etnia, proporcionando-nos padrões gerais em seus dados agregados. O segundo grupo, que atuou na década de 1980, utilizava um padrão com fundamentos etnográficos, de modo que o repertório estilístico e o discurso eram determinados por “configurações sociais”, no lugar de “categorias”, que se relacionam mutuamente tendo em vista as redes dos falantes. Essa postura concedia aos linguistas uma visão mais “concreta”, de acordo com o comportamento e a variação da linguagem em um contexto mais local. No século 21, surgiu a terceira geração de sociolinguistas, que procura dar ênfase à individualidade dos falantes por meio da análise de fatores como postura, ação e performatividade para explicar a natureza das relações indexicais entre variáveis linguísticas e extralinguísticas. A identidade seria, portanto, a palavra-chave para se compreender esse momento da sociolinguística, pois houve uma mudança de perspectiva das categorias dos falantes para a construção e representatividade do indivíduo e sua personalidade.

Com relação à metodologia analítica realizada por sociolinguistas, sabe-se que a sociolinguística proporciona a medição do número de ocorrências de usos da variante X ou Y. Assim, é possível fazer prognósticos com relação às tendências de uso de uma ou de outra variante. No que tange aos procedimentos realizados por sociolinguistas, a coleta de dados é a principal. Ela é realizada por meio de gravação de conversas com informantes em todos os tipos de produção linguística. No que concerne às limitações dos estudos dentro da Sociolinguística, Hernández-Campoy (2014, p. 17) afirma que não é

⁴ Para mais informações sobre projetos, acessar: http://www.lap.uga.edu/Site/Atlas_Projects.html.

possível fazer pesquisa acerca de mudança linguística sem levar em consideração questões relacionadas a limitações de ordem processuais, controvérsias e contradições.

Ainda segundo Hernández-Campoy (2014), a Sociolinguística Variacionista tem sido a área sociolinguística mais produtiva desde a década de 1960, do estudo sistemático da linguagem em seu contexto social no âmbito quantitativo e o conceito de variação na linguagem como algo socialmente condicionado, fazendo uso dos métodos e descobertas das ciências sociais. Para exemplificar essa produção, o autor cita diversos autores clássicos do campo, tais como: Labov (1966, 1994, 2001, 2010); Trudgill (1974); Eckert (1998); Chambers, Trudgill e Schilling-Estes (2002); Milroy e Gordon (2003) e Schilling (2013).

No contexto brasileiro, Cezario e Votre (2016, p. 153) afirmam que a sociolinguística contribui para a formação de professores mais tolerantes porque conseguem entender que a variante menos prestigiada dos estudantes possui uma gramática diferente da norma padrão. Já no ensino de língua estrangeira, os estudos contribuem para que os diferentes dialetos falados na língua estrangeira sejam levados em consideração no processo de ensino. Ainda, de acordo com os autores, os pressupostos teórico-metodológicos dessa disciplina datam da década de 1970, por meio de projetos como o Mobral Central, Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (Nurc) e do projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro (Censo), tendo como precursores os professores Miriam Lemle, Celso Cunha, Anthony Naro. Atualmente, os autores mencionam o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul), a Variação Linguística da Região Sul do Brasil (Varsul) – na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), além da continuidade dos projetos Nurc e Censo.

No que concerne à trajetória histórica da Sociolinguística, o trabalho de Koerner (1991, 2001) é fundamental, pois apresenta fontes e informações sobre o desenvolvimento inicial da sociolinguística, uma área de pesquisa que estudiosos acreditam, de forma equivocada, ter surgido nos meados da década de 1960. Em sua obra, o autor questiona a associação que é comumente feita entre o termo sociolinguística e o linguista William Labov. Koerner (1991, 2001) se refere ao termo “sociolinguística” e não à “sociologia da linguagem” ou à “etnografia da linguagem”. Autores que são considerados precursores dessas linhas de pesquisa são Uriel Weinreich (1951), Charles Ferguson (1959), Basil Bernard Bernstein (1960, 1971), John Gumperz (1971), Joshua Fishman (1972) e Dell Hymes (1974).

No entanto, em sua busca por trabalhos relacionados à sociolinguística, o autor se surpreende com a escassez de material concernente a essa área. A obra que mais se aproximava a um trabalho relacionado à história da sociolinguística era o artigo de Yakov Malkiel (1976), no campo da dialetologia. Koerner (1991, 2001, p. 7) explicita que a ligação entre a geografia e a sociolinguística foi feita por diversos cientistas com a qual outra linha do pensamento linguístico se relaciona. Ao final do século XIX, alguns estudiosos reagiram contra a visão de que a linguística deve ser pensada como uma ciência e que a língua⁵ deve ser tratada como um organismo vivo, dentre eles: William Dwight Whitney (1827–1894), Heymann Steinthal (1823–1899), Michel Breal (1832–1915), Jan Baudouin de Courtenay (1846–1929). Essa mudança na postura intelectual se configura essencial porque proporciona uma melhor compreensão da língua de pesquisa

⁵No texto original em inglês, o autor utilizou o termo *language*. Na tradução livre, utilizou-se a palavra “língua” em vez de “linguagem”. Segue o trecho original: “[...] *to which linguistics should be thought of as a natural science and that language ought to be treated like a living organism*”.

específica que estava sendo estabelecida, ou seja, uma abordagem à linguagem e às questões de mudança de linguagem que tinham orientação sociológica.

Tendo em vista diferentes fontes apresentadas no artigo, Koerner (2001, p. 22) traça, em seu trabalho, um diagrama que pretende apresentar o desenvolvimento e as origens da Sociolinguística. De acordo com o autor, esse diagrama é incompleto e exclui trabalhos extralinguísticos, em particular sociológicos e psicológicos, que exerceram influência sobre a teoria e a prática sociolinguísticas. O termo “sociolinguística” partiria de três linhas de estudos, são elas: (a) a dialetologia, (b) os estudos bi-multilíngues e (c) a linguística histórica.

Os autores que se destacam na primeira linha são: Ferdinand Wrede (1902), que traça paralelos entre a etnografia e a dialetologia; Louis Gauchat (1905), com seu trabalho acerca de um *patois* de uma comunidade; Karl Jaberg (1908) e sua contribuição para um entendimento do Atlas linguístico francês; Eduard Hermann (1929), que trabalhou com mudanças sonoras em um dialeto; Raven McDavid (1946, 1948), com um trabalho que trata de problemas da ordem das ciências sociais e geografia dialetal e uma análise social da produção do *-r/* pós-vocálico na Carolina do Sul, e John Gumperz (1958), com as diferenças dialetais e estratificação social em uma vila indígena.

O segundo grupo é encabeçado pelo linguista Max Weinreich (1931), com seu trabalho sobre *tzveyshprakhikayt* (O problema do bilinguismo); Uriel Weinreich (1951), que trata dos problemas do bilinguismo, com ênfase na situação da Suíça; Einer Haugen (1953), com o norueguês nos Estados Unidos em um estudo acerca do comportamento bilíngue; Charles Ferguson (1959), com seu trabalho acerca da diglossia, e Paul Friedrich (1961), que faz uma revisão de Ferguson e Gumperz.

O terceiro grupo é o de estudos relacionados à linguística histórica e traz autores como Antoine Meillet (1905), com seu trabalho sobre a mudança de sentido das palavras; Joseph Vendryes (1925), com seu trabalho sobre a introdução linguística da história; Alf Sommerfeit (1930), com sua obra acerca da propagação das mudanças fonéticas; Andre Martinet (1952), com sua revisão de Sever Pop; novamente Uriel Weinreich (1953), com seu trabalho sobre problemas e descobertas sobre o tema línguas em contato, e William Labov (1963, 1953), com suas obras relacionadas à motivação social da mudança linguística e o mecanismo da mudança linguística.

Vale ressaltar o pioneirismo de William Labov, que, a partir da década de 1960, dá início aos estudos acerca da "Sociolinguística Variacionista" ou "Teoria da Variação". Nascido em 1927 nos Estados Unidos, o linguista é conhecido como o pai da Sociolinguística Variacionista. Atualmente, Labov é professor emérito do departamento de linguística da Universidade da Pensilvânia e seus trabalhos estão relacionados à sociolinguística, variação linguística e dialetologia. Sua influência na dialetologia social se estabelece devido aos seus métodos de coleta de dados no que concerne ao estudo de variantes da cidade de Nova Iorque. No início de 1970, seus trabalhos relacionados às características do *Afro-American Vernacular English* (AAVE) foram prestigiados, pois, de acordo com o autor, essa variante não deveria ser tratada como inferior, porque ela possui suas próprias regras gramaticais. Segundo Labov (1972, p. 239), não há motivos para acreditar que qualquer vernáculo seja obstáculo no aprendizado de qualquer idioma. O principal problema era a ignorância das partes envolvidas e o trabalho do linguista era a solução para essa ignorância.⁶ Portanto, Labov deixa claro que as influências provenientes da sociedade estão frequentemente em ação nas interações humanas. A

⁶Tradução do original: “*There is no reason to believe that any nonstandard vernacular is in itself an obstacle to learning. The chief problem is ignorance of language on the part of all concerned. Our job as linguists is to remedy this ignorance*”.

Sociolinguística se divide em diversos domínios, a próxima seção busca explicitar alguns deles.

4 Os principais autores e as disciplinas relacionadas à sociolinguística

O objetivo desta seção é apresentar as partes que compõem as disciplinas relativas à Sociolinguística, informar os domínios e mencionar alguns autores e seus respectivos trabalhos. Nenhuma análise aprofundada será realizada sobre as obras, por não se tratar do objetivo do artigo.

Hernández-Campoy (2014, p. 11) apresenta os estudos da linguagem e da sociedade, que tem três objetivos distintos que se embasam em Trudgill (1978): a) objetivos sociológicos, b) objetivos sociológicos e linguísticos e c) objetivos linguísticos. O grupo lidera os estudos dentro do modelo de orientação social e possui objetivos linguísticos. Esse é o objetivo da Etnometodologia, que busca entender o uso da linguagem em interações na sociedade para fins sociológicos, *i.e.*, no trato social. Essa disciplina utiliza métodos qualitativos e coleta amostras de discurso natural por meio de trabalho de campo etnográfico. Seus domínios se relacionam ao raciocínio prático e ao conhecimento do senso-comum. O autor cita os trabalhos de Garfinkel (1967), Collin (2012), Francis e Hester (2004), Hilbert (2001), como referências. A segunda ramificação é sociológica e linguística, que se trata da maior dificuldade da sociolinguística, pois é nessa seção que os estudiosos têm dificuldade de estabelecer uma divisão entre a Linguagem, a Sociedade e a Sociolinguística. Delas se ramificam a Sociologia da Linguagem, a Psicologia Social da Linguagem, a Linguística Antropológica, a Análise do Discurso, a Etnografia de Comunicação e a Linguagem e Gênero.

A Sociologia da Linguagem utiliza métodos qualitativos por meio de trabalhos de campo etnográficos. Seus domínios se estendem pelo planejamento de idiomas, bilinguismo, diglossia, língua franca, repertório verbal, troca de código (*code-switching*), multilinguismo, ecologia linguística, dentre outras áreas de estudo. É uma vertente profícua com inúmeros autores clássicos e contemporâneos, tais como Haugen (1971), Fishman (1972), Romaine (1995), Hoffmann (2014), Hudson (1996), Jenkins (2007), Seidlhofer (2001, 2004, 2005), Canagarajah (2007), Hymes (1972), Gumperz (1964), Halliday (1975), Gumperz (1977), dentre outros teóricos.

Já a Psicologia Social da Linguagem utiliza tanto métodos qualitativos quanto quantitativos e tem um viés voltado para objetivos sociais e linguísticos. Essa vertente utiliza técnicas e métodos, tais como pesquisa de campo, teste de aparência combinada (determina os verdadeiros sentimentos de um indivíduo ou comunidade em relação a uma linguagem, um dialeto específico), escalas de classificação de atitude, rotulagem de mapa mental, limite de idioma/percepções de diferença, imitação de dialeto. Seus domínios abrangem a linguística popular (*Folk Linguistics*), atitudes e ideologias, fidelidade linguística, a estética e prestígio de dialetos, diferenças de gênero, distância do dialeto, natividade, dentre outros temas. Autores que se destacam nesses domínios são Milroy (2004), Haugen (1966), Cook (2012) e Seidlhofer (2013).

Outra disciplina que se encaixa dentro das direções de Linguagem e Sociedade e tem objetivos sociológicos e linguísticos é a Linguística Antropológica. Essa área faz uso de métodos qualitativos, tais como trabalho de campo etnográfico, amostragem e discurso natural. Seus domínios abarcam sistema de parentesco, tabus linguísticos, relatividade linguística, globalização, nacionalismo, mercantilização da linguagem, ideologia, linguagem e economia política, dentre outros aspectos. Autores que podem ser evidenciados nesses domínios são Gumperz (1991), Gentner (1982), Blommaert (2003, 2010), Fishman (1972) e Irvine (1989).

A Análise do Discurso é outra disciplina que utiliza métodos qualitativos em moldes similares ao da Linguística Antropológica e seus domínios tratam de assuntos como as tomadas de turno, as interrupções, o silêncio, a competência comunicativa, os marcadores de discurso, dentre outros temas. Autores que se destacam nesse âmbito são: Widdowson (2007), Hymes (1972), Pêcheux (2009), Orlandi (1990), Possenti (2009) e Maingueneau (2015).

Hernández-Campoy (2014) cita a Etnografia da Comunicação como outra disciplina que se enquadra dentro da linguagem e da sociedade. Essa vertente utiliza métodos qualitativos e tem um viés sociológico e linguístico, fazendo uso de métodos similares às duas disciplinas anteriores, tendo a conversação, a competência comunicativa, os sistemas de escrita, os insultos, a ironia e a comunicação transcultural como domínios explorados. Autores relevantes nesse grupo são Hymes e Gumperz (1972), Hymes (1972), Byram (1997), Leung (2005), Blommaert (2010), Pennycook (2006), dentre outros estudiosos.

Linguagem e Gênero é outra disciplina que tem objetivos linguísticos e sociológicos segundo Hernández-Campoy (2014) e que utiliza métodos tanto qualitativos quanto quantitativos, por meio de pesquisa de campo e etnográfica. Seus domínios estão voltados para o androcentrismo, o sexismo e a linguagem e a equidade. Autores que podem ser mencionados nesse campo são Bodine (1975), Holmes e Meyerhoff (2008), dentre outros teóricos.

Por fim, o terceiro grupo trata dos estudos cujos objetivos são puramente linguísticos e utilizam metodologia quantitativa. Suas ramificações são a Dialectologia Tradicional, a Sociolinguística Variacionista, a Geolinguística, a Sociolinguística Crioula e a Sociolinguística Histórica, sendo o contexto o aspecto fundamental nesse grupo, de modo que todos os trabalhos se calcam nesse pressuposto. De acordo com o autor, o objetivo desse grupo é desenvolver a compreensão da natureza da linguagem, bem como melhorar a teoria linguística. A Dialectologia Tradicional utiliza métodos que envolvem pesquisa de campo, questionários, entrevistas e discurso natural. Seus domínios são amplos e incluem normas sociais, idioletos, limites do dialeto, áreas de dialeto, dialetos puros, isoglosses, áreas de transição, áreas focais, hipótese neogramática, teoria da árvore genealógica, teoria das ondas, dialetometria, dentre outros assuntos. Autores que estudam essa área são Francis (1983) e Weinreich (1954).

A Sociolinguística Variacionista faz uso de métodos como pesquisa de campo, questionários, entrevistas gravadas, discurso natural e amostras. Seus domínios abrangem estudos da *langue/parole* (dicotomia saussuriana), agramaticalidade na fala, o paradoxo do observador, linguística correlacional, variável linguística, variável sociodemográfica, variável de contexto, validade estatística, representatividade, variáveis socialmente condicionadas, pesquisa longitudinal, pesquisa transversal, dentre outras temáticas. Autores que se destacam nesse campo são Labov (1963, 1966, 1969, 1972a, 1972b, 1994, 2006), Trudgill (1974), Feagin (1979), Eckert, (2000), Coseriu (1973), dentre outros estudiosos.

Hernández-Campoy (2014) menciona a Geolinguística como outra disciplina que se enquadra dentro dessa linha de pesquisa. Os métodos utilizados por essa disciplina implicam o uso de modelos gravitacionais e pesquisa de campo e seus domínios abarcam inovações linguísticas, padrões de difusão, modelos gravitacionais, efeito de vizinhança, dentre outros aspectos. Autores que desenvolveram trabalhos nessa área são Hoche Hayes (2010), com destaque para Mackey (1973, 1988, 1991, 1993, 2001).

A Sociolinguística Histórica é também mencionada pelo autor e utiliza, como dados, corpora linguísticos, abrangendo domínios relacionados ao princípio do uniformitarismo, paradoxo histórico, problema de dados ruins, dentre outros temas.

Autores que se destacam nessa disciplina são: Whitney (1867); Montgomery (1995, 2007); com destaque para Romaine (2009[1982]), como precursora da disciplina.

Por fim, Hernández-Campoy (2014) menciona a linguística crioula, que utiliza pesquisas de campo, pesquisas etnográficas, amostras, discurso natural e corpora linguística, como métodos e dados e estuda assuntos relacionados a pidgins, línguas crioulas, contato entre variedades linguísticas, dentre outros tópicos. Autores e obras que podem ser mencionados desse campo são Bickerton (1977); Kouwenberg e Singler (2009).

Outra abordagem, a Dialetoologia Pluridimensional (Thun, 2000), merece destaque no trabalho. Essa variação da Dialetoologia tradicional leva em conta dimensões da variação linguística (dialinguais, diatópica, diastrática, diageracional, diafásica, diatópico-cinética, diassexual e diarreferencial) e não contempla unicamente os dialetos ditos puros, mas as variedades mistas, as variedades diafásicas, formas regionais, formas regionais, a atitude dos falantes, a variação diafásica o comportamento linguístico de grupos topodinâmicos, dentre outros aspectos. Outra característica relevante dessa teoria é a alternâncias de estilos durante situações reais de interação social e a investigação do comportamento linguístico de grupos topodinâmicos em contraste com o dos grupos topostáticos (THUN, 1996).

5 Considerações finais

As pesquisas em Sociolinguística têm apresentado um crescimento tanto qualitativo quanto quantitativamente robusto na Linguística, desde o começo dos trabalhos nesta corrente teórico-metodológica. Ao tratar da competência linguística e de aspectos socioculturais dos falantes, essa escola se diferencia de outras correntes, como o Gerativismo ou o Estruturalismo. Com isso, a atuação do indivíduo no meio social tem seu papel reconhecido, haja vista que desconsiderar o uso real da língua pelos falantes é limitar a potencialidade humana.

Em um âmbito global, os diversos contextos sociais em situações de comunicação são desafios a serem enfrentados pelos atuais e futuros pesquisadores. No contexto brasileiro, a Sociolinguística também apresenta facetas que podem ser exploradas, tais como o ensino de língua materna e estrangeira, tanto em instituições privadas quanto em públicas, levando em consideração variantes sociológicas e linguísticas. Outro ponto a ser mencionado é o papel docente no combate e no entendimento do preconceito linguístico como um problema a ser mitigado dentro e fora da escola, fato que implica a valorização da gramática utilizada pelos alunos que, por vezes, é tratada por manuais normativos com desprezo. Esse desprestígio linguístico se espelha e reproduz desigualdades sociais, além de retroalimentar um sistema excludente secular.

Por fim, as pesquisas sinalizam que a Sociolinguística continuará a ter papel de destaque nos estudos acadêmicos nas próximas décadas, pois a produção de trabalhos científicos tem sido relevante tanto qualitativamente quanto quantitativamente.

Referências

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.

BERNSTEIN, Basil. *Class, Codes, and Control*. 2. ed. London: Routledge, p. 1974–75. v. 3, 1971.

- _____. Language and Social Class. *British Journal of Sociology*, London: LSE, v. 1, p. 271–276, set 1960.
- BICKERTON, Derek. *Pidgin and creole linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, 1977.
- BLOMMAERT, Jan. Commentary: A sociolinguistics of globalization. *Journal of sociolinguistics*, Amsterdam, v. 7, n. 4, p. 607–623, dez 2003.
- _____. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BODINE, Ann. Androcentrism in prescriptive grammar: singular ‘they’, sex-indefinite ‘he’, and ‘he or she’1. *Language in society*, Cambridge: Cambridge University Press. v. 4, n. 2, p. 129–146, ago 1975.
- BYRAM, Michael. *Teaching and assessing intercultural communicative competence*. Bristol: Multilingual Matters, 1997.
- CANAGARAJAH, Suresh. Lingua franca English, multilingual communities, and language acquisition. *The modern language journal*, New Jersey: Wiley-Blackwell v. 91, p. 923–939, 2007.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In.: MARTELOTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto. p. 141–155, 2016.
- COLLIN, Finn. Ethnomethodology. In: *Social Reality*. London: Routledge, p. 39–60, 2012.
- COOK, Vivian. Nativeness and language pedagogy. *The encyclopedia of Applied Linguistics*, Wiley Online Library, 2012.
- COSERIU, Eugênio. Teoria del lenguaje y lingüística general. 3. ed. Madri: Gredos, 1973.
- CURRIE, Haver C. A Projection of Sociolinguistics: The Relationship of Speech to Social Status. *Southern Speech Journal*, v. 18, p. 28-37, 1952.
- ECKERT, Penelope. *Language Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 1998.
- _____. *Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Identity in Belten High*. Malden, MA: Blackwell, 2000.
- FEAGIN, Crawford. *Variation and change in Alabama English: A sociolinguistic study of the white community*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1979.
- FERGUSON, Charles. Diglossia. *Word*, v. 15, n. 2, p. 325–340, 1959.
- FISHMAN, Joshua A. *Language and Nationalism: Two Integrative Essays*. Rowley: Newbury House Publishers, 1972.
- _____. *Language in Sociocultural Change: Essays*. Stanford: Stanford UP, 1972.
- FRANCIS, David; HESTER, Stephen. *An invitation to ethnomethodology: Language, society and interaction*. Sage, 2004.
- FRANCIS, Winthrop Nelson. *Dialectology: an introduction*. Boston: Addison-Wesley Longman Ltd, 1983.
- FRIEDRICH, Paul. Review of Ferguson and Gumperz. *Language* p. 163-168, 1961
- GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. 1967.

- GAUCHAT, Louis. *L'unité phonétique dans le patois d'une commune*. Aus romanischen Sprachen und Literaturen: Festschrift für Heinrich Mort. Halle: Niemeyer, p. 175–232, 1905.
- GENTNER, Dedre. Why nouns are learned before verbs: Linguistic relativity versus natural partitioning. *Center for the Study of Reading Technical Report*, n. 257, 982.
- GUMPERZ, John J.. Dialect differences and social stratification in a North Indian village. *American anthropologist*, v. 60, n. 4, p. 668–682, 1958.
- _____. Linguistic and social interaction in two communities. *American anthropologist*, v. 66, p. 137–153, 1964.
- _____. *Language in Social Groups: Essays*. Ed. Stanford: Stanford UP, 1971.
- _____. The sociolinguistic significance of conversational code-switching. *RELC journal*, v. 8, n. 2, p. 1–34, 1977.
- _____. LEVINSON, Stephen C. Rethinking linguistic relativity. *Current Anthropology*, v. 32, n. 5, p. 613–623, 1991.
- HALLIDAY, M. A. Language as social semiotic: Towards a general sociolinguistic theory. In: *The first lacus forum*. Californian: Hornbeam Press, p. 17–46, 1975.
- HAUGEN, Einar I. *The Norwegian language in America: A study in bilingual*. v.1, Bloomington: Indiana University Press, 1969.
- _____. Dialect, Language, Nation 1. *American anthropologist*, v. 68, n. 4, p. 922–935, 1966.
- _____. The ecology of language. *Linguistic Reporter*, v. 13, n. 1, p. 19–26, 1971.
- HERMANN, Eduard. Lautveränderungen in der Individualsprache einer Mundart.. *Nachrichtender Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen*, v. 9, p. 195–214, 1929.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. Research methods in Sociolinguistics. *AILA Review*, v. 27, n. 1, p. 5–29, 2014.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel.; CUTILLAS-ESPINOSA, ANTONIO, Juan. Introduction: Style-shifting revisited. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CUTILLAS-ESPINOSA, J.A(eds). *Style-Shifting in Public: New Perspectives on Stylistic Variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 1–18.
- HILBERT, Richard. A. *The classical roots of ethnomethodology: Durkheim, Weber, and Garfinkel*. Chappel Hill: UNC Press Books, 2001.
- HOCH, Shawn; HAYES, James J. Geolinguistics: The Incorporation of Geographic Information Systems and Science. *Geographical Bulletin*, v. 51, n. 1, 2010.
- HOFFMANN, Charlotte. *Introduction to bilingualism*. London: Routledge, 2014.
- HOLMES, Janet; WILSON, Nick. *An introduction to sociolinguistics*. London: Routledge, 2017
- HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam (Ed.). *The handbook of language and gender*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2008.
- HORNBERGER, Nancy H.; CORSON, David; CORSON, P. (Ed.). *Research Methods in Language and Education: 8*. Berlin: Springer Science & Business Media, 1999.
- HUDSON, Richard Anthony. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

- HYMES, Dell. On communicative competence. *Sociolinguistics*, p. 269–293, 1972.
- HYMES, Dell; GUMPERZ, John Joseph (Ed.). *Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- _____. On communicative competence. *Sociolinguistics*, p. 269–293, 1972.
- _____. *Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach*. London: Routledge, 2013.
- IRVINE, Judith T. When talk isn't cheap: Language and political economy. *American ethnologist*, v. 16, n. 2, p. 248–267, 1989.
- JABERG, Karl. *Sprachgeographie: Beitrag zum Verständnis des Atlas linguistique de la France*. Aarau: Sauerländer, v. 1, 1908.
- JENKINS, Jennifer. *English as a lingua franca: Attitude and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- _____. *The Linguistic Individual: Self-Expression in Language and Linguistics*. Oxford: OUP Oxford: Elsevier, 1996.
- KOERNER, Konrad. Toward a history of modern sociolinguistics. *American Speech*, v. 66, n. 1, p. 57–70, 1991.
- _____. William Labov and the origins of sociolinguistics. *Folia linguística histórica*, v. 35, p. 1–40, 2001.
- KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Ed.). *The handbook of pidgin and creole studies*. Hoboken, John Wiley & Sons, 2009.
- LABOV, William. Building on empirical foundations. In: *Directions for Historical Linguistics*, 1982.
- _____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, v. 45, p. 715–762, 1969.
- LABOV, W. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (eds). *Language in Use: Readings in Sociolinguistics*. Englewood Cliffs NJ: Prentice Hall, 1984. p. 28–66
- _____. *Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. Objectivity and commitment in linguistic science: The case of the Black English trial in Ann Arbor. *Language in Society*, v. 11, n. 2, p. 165–201, 1982.
- _____. On the mechanism of linguistic change. *Monograph Series of Languages and Linguistics*, v. 18, p. 91–114, 1965.
- _____. *Principles of linguistic change - Internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of Linguistic Change, I: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of Linguistic Change, II: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- _____. *Principles of Linguistic Change, III: Cognitive and Cultural Factors*. Malden MA: Wiley-Blackwell, 2010.
- _____. *Quantitative reasoning in linguistics*. 2008. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/QRL.pdf>. Acesso em: 28 fev 2019.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

- _____. The social motivation of a language change. *Word*, v.19, p. 273–309, 1963.
- _____. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *The social stratification of English in New York City*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.
- _____. The Social Stratification of English in New York City. Washington DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LEUNG, Constant. Convivial communication: Recontextualizing communicative competence. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 15, n. 2, p. 119–144, 2005.
- MACKEY, William F. Geolinguistics: Its scope and principles. *Language in geographic context*. p. 20–46, 1988.
- _____. Language diversity, language policy and the sovereign state. *History of European Ideas*, v. 13, p. 51–61, 1991.
- _____. The ecology of language shift. *The ecolinguistics reader: Language, ecology, and environment*, p. 67–74, 2001.
- _____. *Three concepts for geolinguistics*. Centre international de recherche sur le bilinguisme – International Center for Research on Bilingualism, 1973.
- _____. Literary diglossia, biculturalism and cosmopolitanism in literature. *Visible language*, v. 27, n. 1, p. 40, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. Trad de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MALKIEL, Yakov. From Romance philology through dialect geography to sociolinguistics. *International Journal of the sociology of language*, v. 9, p. 59–84, 1976.
- MARTINET, A. Review of Sever Pop. *Word*, v.8, p. 260–262, 1952.
- MCDavid JÚNIOR, Raven I. Dialect Geography and Social Science Problems. *Social Forces*, v. 25, p. 168–172, 1946.
- _____. Postvocalic /-r/ in South Carolina: A Social Analysis. *American Speech*, v. 23, p. 194–203, 1948.
- MEILLET, Antoine. Comment les mots changent de sens. *L'Année sociologique* (1896/1897-1924/1925), v. 9, p. 1–38, 1904.
- MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: Method and Interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.
- MILROY, Lesley. Language ideologies and linguistic change. *Sociolinguistic variation: Critical reflections*, p. 161–177, 2004.
- MONTEAGUDO, Henrique. *A invenção do monolinguismo e da língua nacional*. Niterói: Editora Gragoatá, 2012. v. 17, n. 32.
- NINYOLES, Rafael L. 1985. *Estrutura social e política lingüística*. Vigo: Ir indo, 1985. cap. 4–5.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1990

- PECHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PENNYCOOK, Alastair. *Global Englishes and transcultural flows*. London: Routledge, 2006.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Honoken: Wiley-Blackwell, 1995.
- _____. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].
- SCHILLING-ESTES, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J.K., TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 375–401
- SCHILLING-ESTES, N. *Sociolinguistic Fieldwork*. Cambridge: CUP, 2013.
- SCHNEIDER, Edgar. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, P. Trudgill; Schilling-Estes, N., *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, p. 67–96, 2002.
- SEIDLHOFER, Barbara. . Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual review of applied linguistics*, v. 24, p. 209–239, 2004.
- _____. Closing a conceptual gap: The case for a description of English as a lingua franca. *International journal of applied linguistics*, v. 11, n. 2, p. 133–158, 2001.
- _____. English as a lingua franca. *ELT journal*, v. 59, n. 4, p. 339–341, 2005.
- _____. *Understanding English as a lingua franca-Oxford Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- SOMMERFELT, A. Sur la propagation des changements phonétiques. *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap*, v.4, p. 76–128, 1930.
- THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., p. 210-269., 1996.
- _____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, p. 185-227, 2000.
- TRUDGILL, Petter J. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: CUP, 1974.
- _____. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- VENDRYES, Joseph. *Language: linguistic introduction to history*. London: Routledge - Kegan Paul, 1925.
- WALLIS, Ethel. "Sociolinguistics in Relation to Mezquital Otomi Transition Education." *Estudios antropologicos en homenaje al doctor Manuel Gamco*. Mexico, DF: Sociedad Mexicana de Antropologia, p. 523-535, 1956.

WEINREICH, Max. Tsveyshprakhikayt: Mutershpracht un tsveyte shprakh. *Yipo-Bleter*, v. 1, p. 301-16, 1931.

WEINREICH, Uriel. Is a structural dialectology possible? *Word*, v. 10, n. 2-3, p. 388–400, 1954.

_____. *Languages in contact: Problems and findings*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

_____. *Research problems in Bilingualism, with special regard to Switzerland*. 1951.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Empirical foundations for a theory of language change*. New York: Columbia University 1968.

WHITNEY, William Dwight. *Language and the study of language: twelve lectures on the principles of linguistic science*. New York: Charles Scribner & Company, 1867.

WIDDOWSON, Henry George. *Discourse analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

WREDE, Ferdinand. Ethnographie und Dialektwissenschaft. *HistorischeZeitschrift*, v. 88, n. 52, p. 22–43, 1902.

Recebido em: junho de 2020.

Aprovado em: agosto de 2020.

Como citar este trabalho:

SILVEIRA, A. C. da. A sociolinguística como uma corrente teórico-metodológica da linguística: um viés histórico. **Traços de Linguagem**, v. 4, n. 1, p. 9-23, 2020.
